

4. Perspectivas de futuro

A partir da investigação realizada nas bacias hidrográficas do rio Alvoco e da ribeira de Pomares foi possível analisar um conjunto de parâmetros que se encontram relacionados com a actual utilização dos socalcos agrícolas.

O estudo realizado permitiu, através da análise cartográfica em gabinete e da respectiva confrontação no terreno, ficar a conhecer muito melhor um panorama que, embora já identificado, não estava devidamente quantificado.

A conhecida perda de população, com consequências a nível das estruturas etárias (fot. 177), sócio-económica, cultural, etc, determinou a diminuição da actividade agrícola e o consequente abandono de muitas explorações, que, por sua vez, conduziu à degradação de muitas delas e à alteração do uso do solo que de agrícola volveu florestal.

Por outro lado, confirmou-se que fenómenos como a terciarização e o êxodo rural contribuíram grandemente para as profundas mudanças verificadas na ocupação do solo. Mercê desta realidade, o estrato arbustivo avançou sobre os campos agrícolas e estendeu-se a área de mato, que, posteriormente, à medida que as espécies se vão desenvolvendo, vai sendo dominado pelo estrato arbóreo, tornando estas áreas mais susceptíveis à ocorrência de incêndios florestais e deixando-as muito mais vulneráveis, no caso deste risco se manifestar (fot. 178).



Fot. 177: A população residente é cada vez mais idosa, Colcurinho.

De facto, os incêndios florestais têm constituído o agente mais agressivo na destruição das áreas de socalcos. Os impactes ambientais são elevados e a evolução das vertentes é acelerada. Com efeito, não são só os efeitos directos do fogo que se revelam prejudiciais, mas também aqueles que lhes são subsequentes e que, por vezes, se fazem sentir por longos períodos de tempo (fot. 179).



Fonte: Associação de Produtores Florestais do Concelho de Arganil.

Fot. 178: Aspecto do incêndio de Julho de 2005, Serra do Açor.



Fot. 179: Ravinamento antigo, fruto de sucessivos incêndios florestais, em fase de estabilização.

As áreas serranas do centro de Portugal têm sido particularmente afectadas por estes fenómenos, alterando por completo a paisagem que, em grande parte, passou a ficar preenchida por matos e, da base até média vertente, por espécies arbóreas economicamente mais rentáveis.

Aos socalcos muito pouca, para não dizer nenhuma, atenção tem sido dada. Ano após ano, a mancha de socalcos vai diminuindo e estas estruturas ancestrais vão sofrendo o abandono e a degradação (fot. 180) que os poucos e envelhecidos habitantes não conseguem inverter.

Porém, se o objectivo é deixar que se continuem a degradar, então porque é que se continua a investir nestas regiões, nomeadamente a asfaltar as estradas que

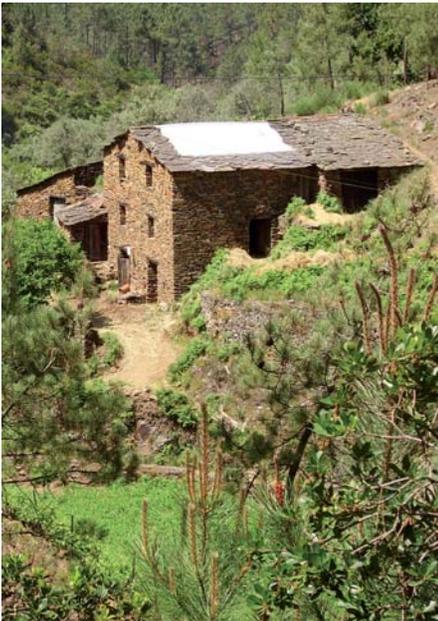
nos conduzem até estas paisagens? Não temos dúvidas de que só é para facilitar a vida aos turistas que as demandam.

No entanto, se esta paisagem é atractiva, haverá todo o interesse em a manter. Dela fazem parte o casario das aldeias (fot. 181), os socalcos envolventes, as belezas naturais, enfim, aquele património cuja preservação é fundamental. Não tenhamos dúvidas de que, quando ele deixar de estar conservado, os visitantes demandarão outras paragens que, nessas circunstâncias, serão bem mais atractivas.

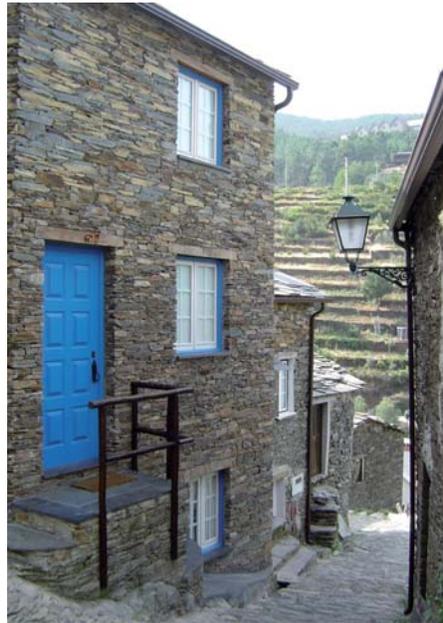
Perante estas constatações, urge iniciar a preservação do património mais emblemático dos socalcos, que aqui sublinhamos, pela representatividade do património natural e cultural que estas estruturas constituem.

A revitalização e preservação de algumas delas pode mesmo vir a impelir o desenvolvimento turístico (fot. 182) destas regiões, que assim se alheariam do anonimato a que têm sido votadas, como já se verificou em outras áreas semelhantes, algumas delas até com bem menores possibilidades.

A sustentabilidade de um modelo que permita viabilizar, em moldes adequados, a revitalização da Serra do Açor passará pela conjugação de uma série de acções.



Fot. 180: Socalcos em degradação e casa de habitação abandonada, por enquanto aproveitada para o gado. Alentejo.



Fot. 181: Casario bem conservado na aldeia do Piódão.

Em primeiro lugar, se a aposta é turística, torna-se necessário promover a Região, designadamente através de uma página *Web*, atractiva e interactiva, com actualização sistemática dos eventos a realizar, em dinamização e dos já realizados, bem como a elaboração de folhetos promocionais, com qualidade e integrados numa linha gráfica coerente, tarefas que terão carácter intermunicipal e poderão ser centralizadas numa Associação já existente, que passaria a assumir como uma das suas prioridades a «Promoção da Serra do Açor e dos Vales do Alva e Alvoco».

Porventura seria desejável que, por razões óbvias, esta promoção abrangesse toda a Serra do Açor, o que levaria também à inclusão dos vales do Ceira e do médio Zêzere.

Com efeito, a exploração sustentável dos recursos naturais pode gerar receitas capazes de criar novas dinâmicas e, deste modo, tornar mais atractivas áreas que, intrinsecamente, serão repulsivas ao ser humano.

Ainda há poucos anos atrás estávamos longe de imaginar que a exploração do ar, como fonte de energia, desde que ele se encontre em movimento, poderia gerar receitas que podem agora vir a ser potenciadas em benefício dos povos serranos (fot. 183).



Fot. 182: Pormenor do cruzeiro existente no Monte do Colcurinho.



Fot. 183: Vista parcial de Casal do Rei, um lugar bem preservado e vivido pelas suas gentes.

De igual modo, quem pode garantir que a água, um recurso cada vez mais raro, não poderá vir a ser mais explorada, quer pela sua qualidade, quer como fonte de energia hidroelétrica, gerando assim novos empregos.

Por outro lado, a paisagem, através das belezas naturais que habitualmente encerra, é cada vez mais indicada como antídoto contra o stress urbano, dado que coabita em perfeita sintonia com o silêncio, inspiram a tranquilidade necessária para, por sua vez, levar à calma e paz de espírito desejadas.

Por último, uma referência à floresta, enquanto elemento integrante e fundamental da paisagem e também como recurso viável, que, até agora, tem sido essencialmente um problema, mas que pode voltar a ser fonte de riqueza se como tal for encarada e dotada das infra-estruturas (fot. 184) necessárias e dos recursos adequados à sua correcta gestão.

Haverá, com certeza, um longo caminho a percorrer para se alcançar este objectivo. No entanto, para o vir a percorrer é necessário ir dando passos.

Desde logo, a primeira tarefa passará pela escolha e definição do caminho a seguir, entre os vários possíveis. Depois, precisamos de planear, começando pelo ponto de partida, isto é, saber o local onde iniciamos a marcha, o que corresponde a ter uma ideia muito precisa do território e dos problemas que é necessário resolver.

Segue-se o planeamento das fases seguintes, por exemplo, como é que vamos percorrer o caminho (a pé, de bicicleta ou de carro), para, em função disso, avaliar os recursos de que iremos necessitar.



Fot. 184: Vista parcial do Viveiro Florestal de Portela do Arão, Seia.



Fot. 185: A aldeia do Piódão é a mais bem preservada em toda a Serra do Açor.

Conhecidos os recursos necessários, é agora altura para procurar os locais de apoio, onde poderemos encontrá-los e em que condições. A fase de preparação é longa, mas é essencial. Trata-se de definir o plano e a estratégia da sua execução.

Finalmente, e sem dúvida o mais importante, é necessário iniciar a viagem, com estabilidade e segurança, que decorreu do cuidado posto na sua preparação.

Com efeito, outras áreas europeias, bem mais repulsivas, até porque de bem mais difícil acesso, souberam atrair visitantes «seleccionados» e os actuais residentes desfrutam de uma boa qualidade de vida, resultante do aproveitamento, em tempo oportuno, das potencialidades que essas áreas encerravam.

Só que, para que tal venha a suceder, os municípios envolvidos não poderão ficar à espera de que sejam os outros a resolver-lhe os problemas. Como muitos outros municípios que já estão a transformar e a valorizar o seu património de socalcos, terão de deitar mãos à obra, pois, se assim o fizerem, ficarão para a história por terem transformado áreas potencialmente votadas ao abandono em exemplos de sucesso (fot. 185).

Caso contrário, ficarão também para a história, mas desta vez pela negativa, ou seja, por não terem sabido explorar as possibilidades de financiamento que o novo Quadro Comunitário de Apoio lhes oferece para a valorização desses espaços e, como tal, contribuirão consciente e decisivamente para a sua degradação. Se assim o fizerem, no futuro serão responsabilizados por isso.

É uma questão de opção.

Agradecimentos

A equipa de investigação do projecto Terrisc manifesta aqui o seu público agradecimento a todos aqueles que contribuíram para a realização do projecto, muito em especial aos Senhores Presidentes das Câmaras Municipais de Arganil, Eng. Ricardo Pereira Alves, Oliveira do Hospital, Dr. Mário Américo Franco Alves, Seia, Dr. Eduardo Mendes de Brito e, ainda, ao sr. Arq.^o Miguel Pinheiro, enquanto Vereador da Câmara Municipal de Arganil, uma vez que sem o apoio das Câmaras Municipais, os resultados teriam ficado muito aquém dos obtidos.

Além deste apoio institucional, recebemos muitos outros que merecem ser aqui mencionados.

Assim, no concelho de Oliveira do Hospital agradece-se aos sr.^s Presidentes, Secretária e Tesoureiro da Junta de Freguesia de Aldeia das Dez, respectivamente Paula Fátima Alves Frade e António José da Fonseca Mendes Dinis, Maria de Fátima Pinheiro dos Santos e Graciano Martins, pelo apoio prestado e pela cedência do terreno para instalação da parcela experimental no Cimo da Ribeira. Ao sr. José João Dias, pela cedência do terreno para instalação da parcela experimental no Colcurinho e ao Gabinete Técnico Florestal da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, pela cedência de fotografias do incêndio de Julho de 2005.

No concelho de Arganil, à Junta de Freguesia do Piódão, nomeadamente ao Sr. Presidente José da Conceição Lopes, às Sr.^{as} Eng.^{as} Cláudia Demétrio e Cristina Melo, pelo apoio prestado e cedência do terreno para instalação da parcela experimental no Piódão. Ao Sr. Francisco Fontinha, da Comissão de Compartes dos Baldios da Freguesia do Piódão, pela visita guiada à barroca dos Prados, realizada no dia 18 de Julho de 2006, ao Sr. António Lourenço, pela identificação das linhas de água nas cabeceiras da rib.^a do Piódão, ao Sr. António Marques da Comissão de Melhoramentos do Porto Silvado, pela cedência do terreno para instalação de uma parcela experimental e ao Sr. Eng. Fernando Vale pelo apoio prestado na primeira saída de campo realizada no lugar de Porto Silvado. Ao Sr. Arquitecto Miguel Pinheiro e à Associação de Produtores Florestais do Concelho de Arganil, pela cedência de fotografias do incêndio de Julho de 2005 e aos senhores Pedro Castanheira e Sandra Gonçalves, a cedência de fotografias da enxurrada do dia 16 de Junho de 2006 na rib.^a de Pomares.

No concelho de Seia, ao Centro de Interpretação da Serra da Estrela, nomeadamente à sr.^a Eng.^a Rosário Ferreira, ao sr. Eng. Alexandre Silva e à Bióloga

Ana Fonseca pelo apoio logístico, pela visita guiada à bacia de Loriga, aquando da vinda do grupo internacional de investigação do projecto e pela cedência de fotografias. Ao sr. Presidente da Junta de Freguesia de Loriga, António Maurício Mendes, pelo apoio prestado, ao sr. Agostinho Pinto Ferreira, pela cedência do terreno para instalação da parcela experimental em Loriga e ao Sr. António Macedo, pela ajuda prestada no trabalho de campo efectuado na parcela de Loriga. Ao sr. Mário Dias Marques pela cedência do terreno para instalação da parcela experimental na freguesia de Cabeça.

Finalmente, os autores manifestam o seu agradecimento ao Eng.º Miguel Cruz, da Direcção Geral dos Recursos Florestais, pela pronta disponibilização de elementos estatísticos e cartográficos e às Dr.ª Manuela Cunha Direito e Dr.ª Sílvia Neves, do Instituto de Conservação da Natureza, pela disponibilização de fotografias e folhetos informativos relativos à Mata da Margaraça.

A todos os outros, e muitos foram, que embora aqui não mencionados, colaboraram na realização deste trabalho expressamos o nosso reconhecido agradecimento.

Bem hajam.

Referências Bibliográficas

- AMBROISE R., FRAPA P. et GIORGIS S. (1989) - *Paysages de terrasses*. Édit. Édisud, Aix-en-Provence, 176 p.
- BATEIRA, C; SOARES L. (1997) - «Movimentos em massa no norte de Portugal. Factores da sua ocorrência», *Territorium*, nº4, Coimbra, Ed. Minerva, pp. 63-77.
- BENNET, H. H. (1965) - *Elementos de conservación del suelo*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, México.
- CORDEIRO, A. M. R. (2004) - *Dinâmica de vertentes em montanhas ocidentais do Portugal Central*, Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- CRISTOFOLETTI, A. (1980) - *Geomorfologia*, Edgar Blücher, São Paulo (2ª ed.)
- FERREIRA, A. B. (2005) - «Dinâmica recente e actual» in *Geografia de Portugal – O Ambiente Físico*; Vol.1, Círculo de Leitores.
- FODESMA (1997) - *La Pedra en sec. Obra, paisatge i patrimoni*. Actas del IV Congreso Internacional de Piedra en Seco, Palma de Maiorca, Gràfiques Miramar.
- FOREY, P; FITZSIMONS, C. (1995) - *Flores Silvestres*, Coleção «Pequenos Guias da Natureza», Plátano, Lisboa.
- FOREY, P; FITZSIMONS, C. (1997) - *Flora e Fauna Mediterrânicas*, Coleção «Pequenos Guias da Natureza», Plátano, Lisboa.
- FOREY, P; LINDSAY, R. (1997) - *Plantas Mediciniais*, Coleção «Pequenos Guias da Natureza», Plátano, Lisboa.
- FOURNIER, F. (1975) - *Conservación de suelos*, Consejo de Europa, Ediciones Mundi-Prensa.
- GONZÁLEZ, G. L. (2004) - *Guía de los árboles y arbustos de la Península Ibérica y Baleares (Especies silvestres y las cultivadas más comunes)*, , Edições Mundi-Prensa, Madrid, (2ª edição corrigida).

- HUMPHRIES, C. J.; PRESS, J. R.; SUTTON, D. A. (1996) - *Árvores de Portugal e Europa*, Guias «Fapas», Clássica Artes Gráficas, Porto.
- LOURENÇO, L. (1986) - «Consequências geográficas dos incêndios florestais nas Serras de Xisto do Centro de Portugal». *Actas*, IV Colóquio Ibérico de Geografia, Coimbra, p. 943-957.
- LOURENÇO, L. (1988a) - «Efeitos da erosão acelerada em vertentes na sequência de incêndios florestais». *Comunicações*, Jornadas Científicas sobre Incêndios Florestais, Coimbra, vol. II, p. 5.1.-1 a 20.
- LOURENÇO, L. (1988b) - *Evolução de vertentes e erosão dos solos, nas serras de xisto do centro de Portugal, em consequência de incêndios florestais. Análise de casos observados em 1987*. Centro de Mecânica de Fluidos, Coimbra.
- LOURENÇO, L. (1989) - *O Rio Alva. Hidrologia, Geomorfologia, Climatologia e Hidrologia*. Instituto de Estudos Geográficos, Coimbra, 162 p.
- LOURENÇO, L. (1990) - «Alterações recentes do meio ambiente da Serra do Açor», *Livro-Guia da viagem de estudo dos dias 3 e 5 de Abril*. III Semana de Geografia Física, Coimbra, 2 a 5 de Abril de 1990.
- LOURENÇO, L. (1995) - «Efeitos erosivos observados em campos agrícolas das áreas montanhosas do Centro de Portugal na sequência de incêndios florestais.», *A Península Ibérica – O espaço em mutação*, *Actas*, VI Colóquio Ibérico de Geografia, Porto, p. 999-1009.
- LOURENÇO, L. (1996) - *Serras de Xisto do Centro de Portugal – Contribuição para o seu conhecimento geomorfológico e geo-ecológico*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, (inédito).
- LOURENÇO, L. (1998) - «O Homem, causa próxima e principal receptor das trágicas consequências do deslizamento da Lousã. *Cadernos de Geografia*, nº. 17, p. 81-88.
- LOURENÇO, L. (1999) - «Instrumentos e técnicas simples usadas no campo para medir os efeitos da actuação dos processos geomorfológicos». *Metodologias de Estudo de Processos de Erosão dos Solos*, *Comunicações*, Porto, p. 1-31.
- LOURENÇO, L.; MONTEIRO, R. (1989) - *Instalação de parcelas experimentais para avaliação da erosão produzida na sequência de incêndios florestais*. Grupo de Mecânica de Fluidos, Coimbra.

- LOURENÇO, L.; PEDROSA, A.; FELGUEIRAS, J. (2000) - «Movimentos em Massa. Exemplos ocorridos no Norte de Portugal» ENB, Revista Técnica e Formativa da Escola Nacional de Bombeiros, nº17, p. 25-39.
- LOURENÇO, L.; FIALHO, J. (2006a) - «Importância dos socacos na mitigação do risco de erosão após incêndios florestais. Exemplos das bacias hidrográficas dos rios Alva e Alvoco (Serras do Açor e da Estrela)», *Actas, Jornadas sobre Terrasses i Prevenió de Riscos Naturals*, , Palma de Maiorca, 2006, (no prelo).
- LOURENÇO, L.; NAVE, A. (2006a) - «O papel dos socacos na prevenção de incêndios florestais. Exemplos das bacias hidrográficas dos rios Alva e Alvoco (Serras do Açor e da Estrela)», *Actas, Jornadas sobre Terrasses i Prevenió de Riscos naturals*, Palma de Maiorca, 2006, (no prelo).
- LOURENÇO, L.; PEREIRA, N. (2006a) - «Riscos de cheias e de inundações após incêndios florestais», *Actas, Jornadas sobre Terrasses i Prevenió de Riscos Naturals*, , Palma de Maiorca, 2006, (no prelo).
- LOURENÇO, L.; CARVALHO, A. (2006) - «Visita às áreas da Serra do Açor mais afectadas pelo incêndio de 2005 e pelas enxurradas de 2006. Propostas de roteiro», *Actas, VI Jornadas Nacionais do Prosepe*, Fátima, 2006, (no prelo).
- LOURENÇO, L.; FIALHO, J. (2006b) - «Importância dos socacos na mitigação do risco de erosão após incêndios florestais», *Actas, VI Jornadas Nacionais do Prosepe*, Fátima, 2006, (no prelo).
- LOURENÇO, L.; NAVE, A. (2006b) - «Grandes incêndios florestais na Serra do Açor», *Actas, VI Jornadas Nacionais do Prosepe*, Fátima, 2006, (no prelo).
- LOURENÇO, L.; PEREIRA, N. (2006b) - «Risco de cheias e perigo de inundações após incêndios florestais», *Actas, VI Jornadas Nacionais do Prosepe*, Fátima 2006, (prelo).
- LOURENÇO, L.; NAVE, A.; PEREIRA, N.; SILVA, M.; CARVALHO, A.; FIALHO, J. (2006) - «Projecto Terrisc – Recuperação de paisagens de socacos e prevenção de riscos naturais nas serras da Estrela e do Açor», Interreg III B/Sudoe, Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais, Lousã.

- MARI, A., TRIAS, A e outros (2002) - *Patrimoni de Marjades a La Mediterrània Occidental – una proposta de catalogació*. Consell de Mallorca, FODESMA.
- MARTÍN, L. E. R.; FLAÑO, P. R.; PÉREZ-CHACÓN E. (1994) - «Consecuencias geomorfológicas del abandono de los cultivos en bancales: la cuenca del Guiniguada (Gran Canaria, Islas Canarias)», *Efectos geomorfológicos del abandono de tierras* (García Ruiz, J.M. y Lasanta, T., eds.), Zaragoza, pp. 149-160.
- MARTÍN, L. E. R.; FLAÑO, P. R.; CALVENTO, L. H. (2003) - «El Espacio de Bancales en el tramo inferior de la cuenca del Guiniguada: características ecoantrópicas y estado actual», *VEGETA*, Número 7.
- MILEU, Roberto (2002) - *Agricultura e desenvolvimento rural*, Confederação Nacional da Agricultura, Coimbra.
- NUNES, A. (2002) - «Região Centro de Portugal: duas décadas de incêndios florestais». *Territorium*, nº 9, Ed. Minerva, Coimbra, pp. 135-148.
- REBELO, F. (2003) - *Riscos Naturais e Acção Antrópica. Estudos e Reflexões*; Coimbra, Imprensa da Universidade.
- REBELO, F. e CAMPAR DE ALMEIDA, A. (1986) – «Quadrilagem ou áreas homogêneas na elaboração de mapas de declives – duas metodologias em confronto». *Actas*, IV Colóquio Ibérico de Geografia, Coimbra, p. 867-873.